

Com as Pedras de Kudoda, Contamos Muito Mais que Números

Débora Maria dos Santos

Salvador, Bahia, Brasil

debora_julianne@hotmail.com

Mestra em Ciências da Educação

Faculdade San Carlos

Na Escola Madre Diamantina, a matemática ganhou um novo sotaque — o som das raízes africanas, das mãos que jogam e dos olhos que aprendem. No lugar dos livros abertos e dos quadros cheios de contas, pedras de gravilhão tomaram o centro da sala. Era o Kudoda que chegava — um jogo tradicional africano —, abrindo caminhos para a aprendizagem por meio da cultura e da experiência.

Foi com entusiasmo que os alunos do quarto ano receberam a proposta. O jogo, simples à primeira vista, consistia em recolher pedras com agilidade e precisão, mas por trás do gesto havia muito mais: havia matemática, coordenação, atenção e, sobretudo, respeito ao saber ancestral.

Com as mãos em movimento e os sorrisos no rosto, as crianças entraram em contato com a etnomatemática — um campo do saber que reconhece os diversos modos de fazer matemática nas culturas ao redor do mundo. Ali, não se tratava apenas de jogar, mas de reconhecer o valor dos saberes africanos, muitas vezes silenciados nos currículos tradicionais.

Para além do tabuleiro improvisado no chão e dos gravilhões que substituíram as sementes originais, o projeto se desdobrou em atividades de tratamento da informação. A cada rodada, os alunos registravam dados: quem jogou, quantas pedras conseguiu, quantas rodadas venceu. Esses números viraram tabelas, gráficos de barras, gráficos de colunas, interpretados e discutidos em grupo.

A matemática surgiu naturalmente, entre uma jogada e outra. E veio acompanhada da curiosidade, da colaboração, da alegria. O Kudoda ensinou que contar pode ser cultural,

que jogar é também aprender e que respeitar as diferenças é parte essencial do processo educativo.

Naquela sala, as pedras de gravilhões não eram apenas objetos — eram ferramentas de resistência, conhecimento e encontro. As crianças aprenderam a contar, a analisar dados e a interpretar gráficos, sim. Mas, mais do que isso, aprenderam que a matemática também pode ser viva, lúdica e cheia de história.

E, talvez, essa seja a conta mais bonita que conseguimos fazer: somar cultura, educação e encantamento — e perceber que, quando olhamos para além do livro, descobrimos que o mundo também é uma sala de aula.

Com as Pedras de Kudoda, Contamos Muito Mais que Números

With Kudoda Stones, We Count Much More Than Numbers

Con las piedras Kudoda, contamos mucho más que números

Resumo

A crônica relata uma experiência vivida na Escola Madre Diamantina com alunos do 4º ano, onde o jogo africano Kudoda foi usado como recurso pedagógico. Adaptado com pedras de gravilhão, o jogo foi o ponto de partida para trabalhar a etnomatemática, valorizando os saberes culturais africanos dentro do ensino da matemática. Durante a atividade, os alunos jogaram, refletiram sobre a cultura do Kudoda e realizaram atividades práticas como construção de gráficos e tabelas, utilizando os dados coletados nas partidas. Além dos conteúdos matemáticos, a proposta também envolveu aspectos éticos e sociais, como respeito às regras, cooperação e reconhecimento da diversidade cultural. A crônica destaca como a matemática pode ser viva, significativa e cultural, mostrando que aprender vai além dos números: envolve histórias, valores e vivências compartilhadas

Palavras-chave: kudoda. Etnomatemática. Gravilhões.

Abstract

The story tells of an experience lived at the Madre Diamantina School with 4th grade students, where the African game Kudoda was used as a pedagogical resource. Adapted with gravel stones, the game was the starting point for working on ethnomathematics, valuing African cultural knowledge within the teaching of mathematics. During the activity, the students played, reflected on the Kudoda culture and carried out practical activities such as building graphs and tables, using the data collected in the games. In addition to the mathematical content, the proposal also involved ethical and social aspects, such as respect for rules, cooperation and recognition of cultural diversity. The story highlights how mathematics can be lively, meaningful and cultural, showing that learning goes beyond numbers: it involves stories, values and shared experiences.

Keywords: kudoda. Ethnomathematics. Gravels.

Resumen

La crónica relata una experiencia vivida en la Escuela Madre Diamantina con alumnos de 4º grado, donde se utilizó el juego africano Kudoda como recurso pedagógico. Adaptado con piedras de grava, el juego fue el punto de partida para trabajar la etnomatemática, valorando el conocimiento cultural africano dentro de la enseñanza de las matemáticas. Durante la actividad, los estudiantes jugaron, reflexionaron sobre la cultura Kudoda y realizaron actividades prácticas como construir gráficos y tablas, utilizando los datos recopilados durante los juegos. Además del contenido matemático, la propuesta también involucró aspectos éticos y sociales, como el respeto a las normas, la cooperación y el reconocimiento de la diversidad cultural. La crónica destaca cómo las matemáticas pueden ser vivas, significativas y culturales, mostrando que el aprendizaje va más allá de los números: involucra historias, valores y experiencias compartidas.

Palabras clave: kudoda. Etnomatemáticas. Gravilla.